Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

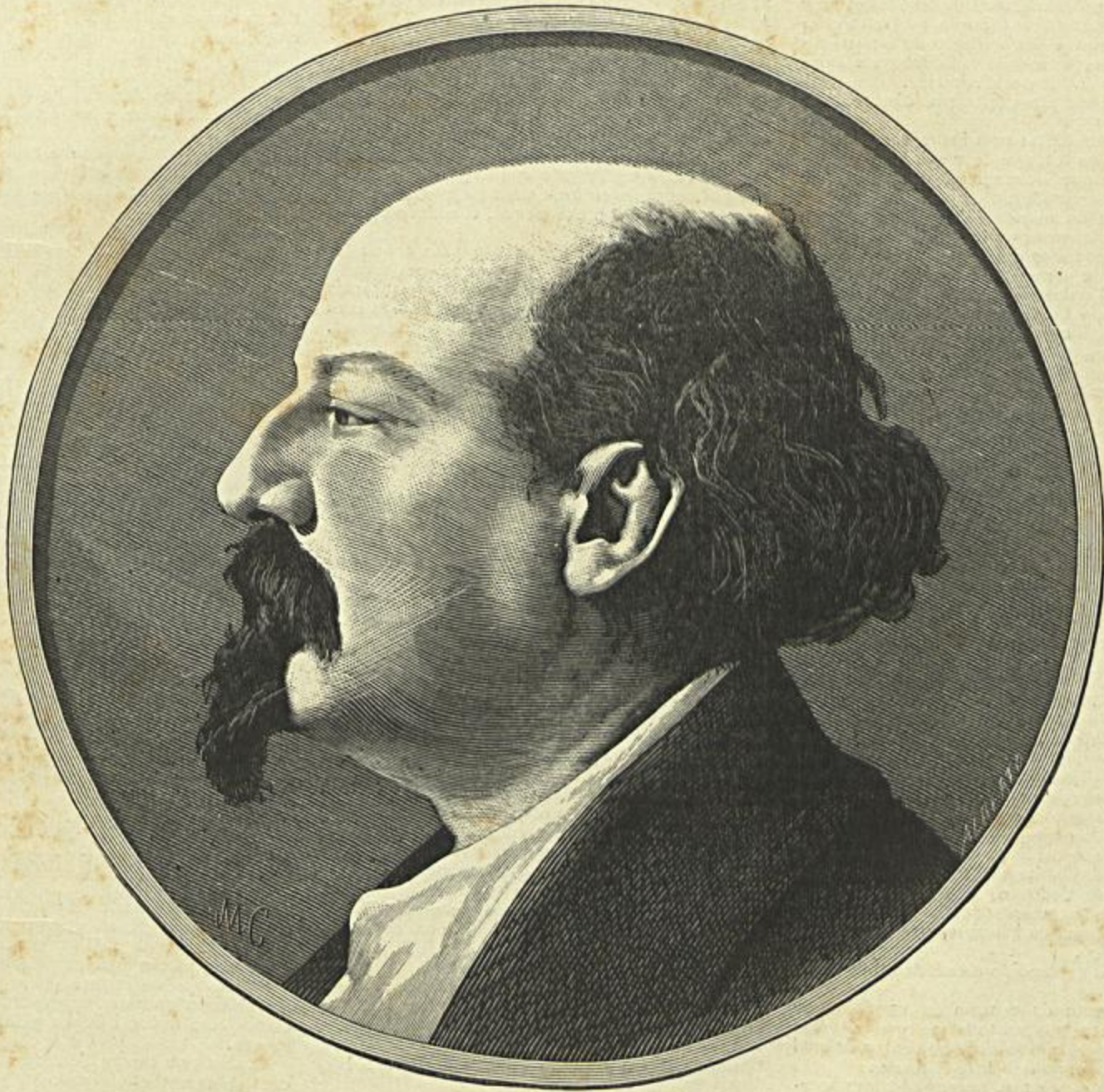
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 384

21 DE AGOSTO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

JOSÉ ESTEVAM

CHRONICA OCCIDENTAL

O acontecimento importante d'estes dez dias decorridos depois da nossa ultima chronica não se deu em Lisboa, passou-se em Aveiro.

Esse acontecimento foram as festas brilhantissimas com que essa formosa cidade inaugurou, n'uma das suas principaes praças, a estatua do mais illustre e glorioso de todos os seus filhos, o grande tribuno José Estevam.

Essas festas foram notabilissimas e chamaram a Aveiro uma concorrencia enorme de gente de todos os pontos do paiz.

A pessoa que escreve estas linhas não poude, por incommodo de saude, ir assistir a essas festas: o Occidente tinha encarregado um dos seus mais distinctos collaboradores artisticos de o representar n'essa solemnidade nacional, mas esse collaborador adoeceu tambem, á ultima hora, exactamente quando ia para seguir no comboyo, e quando era já impossivel substituil-o, e foi por este motivo que o nosso jornal se não fez representar n'essa justissima homenagem da Patria a uma das suas mais radiantes glorias, homenagem a que se associa enthusiastica e sinceramente.

Foi profundamente justa a apotheose excepcional feita em Aveiro á memoria de José Estevam e tiveram um brilho extraordinario as festas com que se solemnisou a inauguração da estatua do grande tribuno, estatua feita pelo illustre esculptor portuguez o sr. Simões d'Almeida.

Duraram tres dias essas festas; os dias 11, 12 e 13.

Começaram no dia 11 pela inauguração da lapide collocada na casa onde nasceu José Estevam, na rua a que o municipio d'Aveiro poz o nome do grande orador.

A's 11 horas da manhã sahio dos Paços do Concelho um immenso prestito presidido pelo sr. conselheiro Manoel Firmino, o presidente da Camara Municipal e dirigiu-se á casa onde nasceu José Estevam. Ahi desvendou-se a lapide commemorativa fazendo um eloquente e pequeno discurso o sr. conselheiro Manoel Firmino. Logo depois a commissão do monumento accompanhada por immensa multidão dirigiu-se ao cemiterio de Aveiro a collocar differentes corôas de bronze dourado no mausoleu onde repousam as cinzas do grande orador.

Em seguida todo esse numeroso cortejo, veio cumprimentar a viuva e o filho de José Estevam que estavam alojados em casa do sr. Magalhães Lima.

N'esse mesmo dia as senhoras d'Aveiro quizeram solemnisar a festa por um delicadissimo acto de caridade e distribuiram no vestibulo do Lyceu um bodo aos pobres d'Aveiro.

A' tarde houve uma tourada em que tomou parte o *torero* hespanhol *El Minuto*, e que correu muito regularmente, tendo uma concorrencia enorme.

A' noite realisou-se no theatro Aveirense um sarau litterario brilhantissimo em que fallaram os srs. Sebastião de Magalhães Lima, José Dias Ferreira, Manuel d'Arriaga, Antonio Candido e Luiz de Magalhães, o filho de José Estevam, que é um orador muito distincto, muito correcto e que agradeceu n'um brilhante discurso a homenagem imponentissima que todo o paiz ali prestava á memoria querida e gloriosa de seu pae.

Foram muito notaveis todos os discursos proferidos n'esse brilhante sarau, o que facilmente se comprehende dados os nomes dos oradores illustres que n'elle tomaram parte.

O dia 12 foi o dia da inauguração da estatua, e do cortejo civico.

O prestito foi explendido e excedeu tudo o que se esperava.

O cortejo partiu da estação dos caminhos de ferro e percorrendo quasi todas as ruas d'Aveiro dirigiu-se á Praça do Municipio, ao centro da qual se ergue o monumento de José Estevam.

Era immenso o prestito, organisado com notavel ordem; e figuravam n'elle todas as corporações do districto.

Quasi no fim do cortejo tornava-se notavel a fanfarra dos pequenos do Asylo José Estevam, secção Barbosa de Magalhães, um bando de creanças muito pequenas, vestidas á maruja — o uniforme do asylo — e que durante todo o percurso foram tocando, com uma afinação extrema, o hymno de José Estevam.

No prestito havia muitos carros de flores, um carro excentrico e pittoresco, em que homens do povo tocavam em guitarras musicas populares, e quatro carros triumphaes, o do Commercio e Industria, Artes, Pesca, (Associação dos Salvadores) e o carro da Vista Alegre, magnificamente ornamentados e que faziam um effeito extraordinario.

Muitas bandas marciaes, fanfarras e philarmonicas, alegravam o prestito com os seus hymnos triumphaes, notando-se entre as philarmonicas a da Vista Alegre e a de Agueda, e entre as bandas marciaes a da Guarda Municipal do Porto, e a de infanteria 4, de Elvas, que é uma das bandas marciaes mais notaveis do nosso paiz.

A' tarde houve outra corrida de touros, mas essa foi menos feliz do que a primeira.

A' noite estava annunciada a illuminação na rua, mas ficou addiada para a noite seguinte por causa do mau tempo, mau tempo que prejudicou immenso o effeito das Illuminações, muitas das quaes nem mesmo se poderam realisar.

Quando o cortejo civico chegou á praça do Municipio a estatua foi desvendada, puchando a bandeira portugueza que a cobria, o coronel reformado Moraes Sarmento, velho amigo intimo do grande tribuno.

N'essa occasião fallaram n'uma tribuna armada na praça entre a multidão, os srs. Conselheiro Beirão, Ministro da Justiça, e que na festa reprosentava o governo, José Dias Ferreira, José Elias Garcia, Sebastião de Magalhães Lima, Manoel d'Arriaga e Consiglieri Pedrozo.

N'esse mesmo dia houve um jantar official dado pelo sr. dr. Barbosa de Magalhães, em nome da Junta Geral do Districto, de que é presidente, a todos os pares do reino, deputados e auctoridades do districto e a varios reporters dos jornaes de Lisboa e Porto.

Na manhã d'esse dia, tinha havido um almoço offerecido pelo sr. ministro da justiça a todas as auctoridades da cidade.

No dia 13 de manhã realisou-se o passeio fluvial, que produziu um grande effeito pittoresco, mas que por causa da enorme ventania não seguiu até á barra, como estava planeado, chegando apenas ao meio da ria.

A' noite houve a illuminação na ria que foi muito bonita e a recita de amadores no theatro Aveirense que foi com certeza uma das festas mais brilhantes d'essa grande succession de festejos, com que Aveiro solemnisou a inauguração da Estatua.

O theatro estava todo ornamentado com plantas e flores, vindas do magnifico estabelecimento do sr. Marques Loureiro do Porto, e apresentava um aspecto elegantemente festivo.

No salão tocava nos intervallos a musica da guarda municipal do Porto.

A recita começou perto das 10 horas pela apotheose de José Estevam.

Ergueu-se o panno, e no meio do palco estava um busto monumental de José Estevam, cercado pelas elegantes senhoras e cavalheiros que tomavam parte na recita, vestindo rigorosa toilette de gala.

O nosso presado amigo e distincto escriptor o sr. Eça Leal, inspector de fazenda em Aveiro, e que dirigiu os ensaios do espectaculo, avançou ao proscenio e recitou uma poesia sua, allusiva á festa, poesia que teve uma grande ovação e que em seguida trascrevemos:

Lembro-me de o ouvir. Na ampla fronte ideal
Irradiava-lhe a luz d'uma aureola genial,
A' sua voz sonora, altiva, insinuante,
A turba emmudecia anciosa, palpitante,
E como que suspensa em adorações cerulas.
D'aquelles labios d'ouro a entornarem perolas.
O seu gesto correcto, apropriado, ardente,
Veloz fendia o ar como a aza imponente
Da aguia, que alça o vôo do cume inacessivel!
O' grande luctador, tu foste inexcidivel!
Sentindo o sangue em lava arder-lhe em cada veia
Foi dal-o em holocausto ao idolo da idêa.
E tão brilhante foi seu luminoso rasto,
D'essa eloquencia o mar foi tão profundo e vasto,
Que a vã posteridade, ingrata por systema,
Que os olhos tem fechado a tanta luz suprema,
Abriu-os para elle extraordinariamente
Como ao fitar a estrella os magos do Oriente!

Apenas te prostou a implacavel morte
A tribuna ficou sem bussola, sem norte!
Sentia-se no paiz a tua immensa falta!
E todo o Portugal na sua voz mais alta
Irrompendo n'um côro, unissono, vibrante,
Te proclamou um genio, te proclamou gigante!
O teu berço natal desentranhou-se em hymnos;
Na tua apotheose ha eccos argentinos,
Ha festivaes d'amor, de preito e de saudade;
E os filhos d'esta terra, os filhos da cidade,
Rica d'encantos mil, de tão gentil paisagem,
Perpetuando em bronze a immorredoura imagem
Do seu illustre irmão, do seu tribuno heroico,
Affirmaram, emfim, n'um grande impulso estoico
O reconhecimento e a veneração
Que a esse vulto deve — Aveiro e a nação!

Finda esta poesia, que tivemos a boa fortuna de poder apresentar aos nossos leitores e que ainda não foi publicada em jornal algum, a orchestra tocou o hymno de José Estevam e todas as senhoras e cavalheiros que estavam no palco desfilaram por diante do busto do grande orador, depondo corôas no pedestal; ceremonia que produziu um grande effeito e provocou calorosa ovação.

O panno cahiu e d'ahi a momentos ergueu-se de novo para dar começo ao espectaculo.

Esse espectaculo constou de quatro comedias em 1 acto, a *Serenada de Schubert* original do sr. Eça Leal, o *Portador d'esta*, original do sr. Ferreira de Mesquita, *a Temidez de Cornelio Guerra*, traducção do sr. Eduardo Garrido, *As filhas do sr. Santola*, traducção do sr. Eça Leal.

As tres ultimas peças são já conhecidas dos theatros publicos, a primeira porém foi um *primeur* que teve o publico de Aveiro.

A *Serenata de Schubert*, é um gracioso *lever de rideau*, escripto com muito espirito; não chega mesmo a ser uma comedia, é um dialogo delicadissimo, muito bem feito, uma verdadeira perola.

Só duas personagens n'esta peça, que foram desempenhados deliciosamente pela filha do sr. Visconde de Almeidinha e pelo sr. Eça Leal.

O espectaculo correu muito bem, e todos os distinctos amadores foram victoriadissimos devendo citar-se em primeiro logar entre as senhoras, segundo a opinião auctorisada de quem as ouviu, as Ex.mas Sr.as D. Maria Bento da França, a filha do Ss. Visconde de Almeidinha e a Sr.a D. Preciosa Fernandes Thomaz, e entre os homens os srs. Eça Leal, Cunha e Elisio.

Finda a recita houve uma ceia a que assistiram unicamente os amadores que tomaram parte no espectaculo e suas familias e assim acabaram as festas de Aveiro.

A affluencia de viajantes a Aveiro foi enormissima! durante os tres dias muita gente dormiu *á la belle Etoile* por não ter casa onde ficar; girou muito dinheiro, e para amostra afiançam-nos que n'esses tres dias só a receita da mercearia do sr. Gamellas, na Arcada, subiu a 1:300$000 réis.

Em Lisboa novidades nenhumas, a não ser uns dias de calor que nos fizeram lembrar que estamos no verão, mas que desappareceram logo para serem succedidos por uns dias de vento e chuva que nos fazem parecer que estamos já no inverno.

Nos theatros poucas novidades tambem, a não ser no theatro da Avenida o grande successo d'uma graciosa senhora hespanhola, esposa do baixo Serra da companhia lyrica d'aquelle theatro, que, reconhecida pelo acolhimento lisongeiro que o publico de Lisboa fez a seu marido, quiz obsequial-o cantando-lhe algumas *malaguênas*.

Essas *malaguênas* tiveram um successo doido e merecidissimo, pois a sr.a Pastora Serra canta as deliciosamente, com toda a graça d'uma verdadeira Andaluza que é, mas com uma fórma delicada que nem sempre é apanagio de todas as hespanholas e ao mesmo tempo com uma arte primorosa que raras vezes se encontra em cantoras de *malaguênas*.

Lisboa poucas vezes tem ouvido cantar assim canções andaluzas e d'ahi as enormes ovações que tem feito a sr.a Pastora Serra.

Gervasio Lobato.

JOSÉ ESTEVAM

Diz-se dos grandes homens do nosso tempo, quando a morte lhes abre as portas da eternidade, que é cedo ainda para avaliar com justiça a obra do illustre morto que vae passar á historia.

Effectivamente assim é, sobre tudo com respeito aos homens politicos, cujas acções raro são apreciadas com imparcialidade pelos seus contemporaneos.

Mas sobre a campa d'esses grandes mortos crescem os cyprestes elevando os seus esguios troncos para o céu, para essas alturas infinitas onde a nossa razão se perde e, ou á maneira que as tristes arvores crescem se vão esvaecendo as lembranças do morto, se a sua obra foi transitoria como elle, ou cada vez a sua memoria tambem mais cresce entre os vivos, se a obra d'esse morto utilisou verdadeiramente á humanidade.

É então que chega o juizo da historia, quando sobre o morto tem volvido os annos e as gerações, fazendo com que os alterosos cyprestes, que por

sua vez o tempo derrubou seccos e mirrados, se convertam nos monumentos de pedra e bronze com que os homens lhe perpetuam a memoria.

É esta apotheose que acaba de ser feita e José Estevam pele seu povo que elle tanto amou, e antes que os cyprestes cahissem da beira da sua campa, o povo elevou-lhe um monumento, onde pousou a figura magestosa e livre do eminente tribuno, que antes de ser elevado ás alturas d'um pedestal, se elevou pelo talento e pelo genio acima do nivel da humanidade,

Será ainda cedo para esta apotheose solemne? Parece que não, porque ella partiu do povo sem influencias officiaes que a determinassem, e o povo que expontaneamente reconheceu o valor da obra de José Estevam, é porque ella lhes utilisou, é porque ella não foi transitoria, e ahi a tem latente na liberdade que disfructa.

José Estevam, o grande orador portuguez do nosso seculo, poderia ter, como tinha, toda a inspiração e eluquencia que distinguem um orador no seio d'uma academia, e entanto essa inspiração e eloquencia não echoar entre o povo, nem arrebatal-o enthosiasticamente em ovações sinceras e expontaneas.

Poderia enlevar uma assembléa de parlamentares, mas não a sobjugar com a força dos seus argumentos, levando a convicção aos espiritos mais remissos, e arrastando as massas com o prestigio extraordinario da sua palavra.

Podia emfim ser o orador que era, e não ser um popular; mas como não havia de ser elle popular, se a sua bocca só se abria para defender as regalias da liberdade, e se o seu espirito era tão livre como as doutrinas que pregava, se os actos da sua vida não discurdavam das idéas que vulgarisava, e se os rasgos mais sublimes da sua eloqnencia, quando desafrontava a patria dos insultos estranhos, tinham tal convicção tal força que levavam a crêr que não era elle quem fallava, mas a patria encarnada n'aquelle espirito sublime, que expremia ó sentir de um povo inteiro.

E não havia o povo de lhe levantar um monumento tão expontanea e livremente, como expontanea e livremente elle defendera as regalias d'esse povo!

O monumento que hoje se ergue ao desinteressado caudilho da liberdade, não significa só a gratidão dos seus conterraneos, a perpetuação da sua memoria, é tambem um tributo de saudade por aquelle grande espirito, que parece ter levado comsigo todas as dedicações sinceras de que a patria tanto precisa para o seu verdadeiro engrandecimento.

É por isso que nos parece que não é cedo para a glorificação que o povo d'Aveiro acaba de render ao seu conterraneo, porque mais tarde, talvez as virtudes civicas do immortal tribuno não conseguissem sobrelevarem-se n'este meio egoista e corrupto que evade a sociedade portugueza,

Se me perguntarem pela biographia de José Esvam, direi que ella está escripta n'esse monnmento que ora se levantou á sua memoria, syntetisando ali o patriota inexcedivel, o orador glorioso, o democrata convicto, que aos 20 annos, deixava os bancos da Universidade para pegar em armas em prol das idéas democratas, que principiavam a oppor se ao despotismo que avassalava a patria.

Quando a memoria de um homem é consagrada na pedra ou no bronze, pela gratidão dos povos, já não se pergunta pela sua biographia, ella pertence á historia e na historia é que os extranhos ou os vindouros a devem procurar, porque os seus contemporaneos, conhecem-n'a tão bem, que levantam monumentos a esse homem.

Muitos são os heroes das nossas luctas pela liberdade e muitos são tambem os seus martyres. Esses devotados da patria obedeceram todos a um pensamento unico — o libertarem-n'a do despotismo que a aniquilava; mas nem todos tiveram depois a mesma isenção e a mesma coragem para defenderem a todo o transe a liberdade porque tinham combatido.

José Estevam, que sacrificou a sua mocidade no exilio victima das suas idéas liberaes, que engrossou as phalanges que da ilha Terceira vieram desembarcar no Mindelo alçando a bandeira da liberdade na Serra do Pilar, qué acompanhou os seus camaradas em todas as luctas que se seguiram como o mais esforçado d'elles, não se deixou depois influenciar pelo facciosismo politico, e conservou-se sempre firme nos seus principios liberaes, sendo dos primeiros que se insurgiram na celebre revolução de setembro, contra o governo pessoal de 1844.

E a sua voz authorisada não se calou perante as imposições d'esse governo, e perseguido como Antonio Rodrigues Sampaio, fez toda a guerra que poude até que o partido popular triumphasse, e quando de novo subiu á tribuna parlamentar foi para defender as imunidades do povo e n'ella se ficar como unico logar que ambicionava na republica.

E foi na tribuna o seu campo de combate e de glorias; sempre vencedor e nunca vencido, temido pelos adversarios ainda os mais ousados e valentes nas luctas da palavra, como Garret Rodrigo da Fonseca Magalhães, Passos Manuel e outros, que não resistiam aos seus ataques e muito menos ás suas replicas.

Os seus mais encarniçados inimigos politicos não eram indifferentes aos rasgos da sua eloquencia, e quantas vezes vencidos pelos impulsos do coração lhe foram render expontaneo preito, voltando depois ao seu posto.

Esta é a maior gloria de José Estevam, porque prova que alem da magia da sua palavra inspirada, ella tinha todo o vigor da convicção, impressionando profundamente o auditorio, que lhes reconhecia todo o amor patrio que se abrigava n'aquelle grande coração e superior espirito.

Caetano Alberto.

BELLAS ARTES

O «DANSEUR AU TAMBOURIN»

ESTATUA DO SR. THOMAZ COSTA

A estatua representada pela nossa gravura, original do sr. Thomaz Costa, foi ha alguns mezes exposta no salão do *Commercio de Portugal*, e é reproducção em bronze do gesso exposto pelo mesmo artista no *salon* de 1887 em Paris, onde o sr. Costa está completando a sua educação artistica como pensionista da escola de bellas artes do Porto.

É um trabalho notavel a estreia do moço esculptor, não tanto pelo que é, como pelo que promette.

Fazendo umas certas concessões á velha escola, a estatua do sr. Thomaz Costa revela ao mesmo tempo uma justa orientação moderna pelo predominio das qualidades de observação sobre o exclusivismo da linha, do ideal academico e rançoso.

A especie de toalha (?) que o adolescente representado na estatua, segura n'um braço, e que ondeia em volta do corpo a pretexto de folha de parra salvadora da moral publica (!), podia perfeitamente dispensar-se, porque além de não accrescentar nada á belleza das linhas,— antes pelo contrario,— é um contra-senso. Esse garoto, de fórmas ainda mal feitas e ambiguas, expressão viva e esperta, de feições finas e basta cabelleira annellada cobrindo-lhe a cabeça pesadamente, não tem nada que ver com os heroes da mythologia, não é o Zephyro, nem Adonis, nem Cephalo, nem Endymião, de legendaria memoria; é um garoto, natural de Napoles ou Roma, que corre as ruas vendendo estatuetas, ou os ateliers servindo de modelo ..

Se por esse lado o trabalho do sr. Costa tráhe ainda uns restos de preocupações academicas, é, em compensação, uma obra bem moderna, pela sinceridade com que tentou seguir a interpretação da natureza, e pelo movimento e vida que animam a sua figura.

Quanto á execução, a par de alguns senões, a estatua do esperançoso artista tem coisas excellentes.

A figura está bem no ar; a musculatura parece ter sido estudada com cuidado e principalmente no peito e nas pernas; e a linha geral, encarada a estatua devidamente, de frente, é harmoniosa, bem equilibrada.

A estatua foi adquirida pelo governo, que d'essa maneira coroou os esforços do artista, animando-o a emprehender novas obras, em que esperâmos ver confirmadas as boas esperanças que nos despertou a sua estreia.

J. S.

AS NOSSAS GRAVURAS

ALGARVE — LAGOS

A provincia do Algarve é aquella a que, por circumstancias que não se explicam facilmente, menos tem chegado a influencia benefica do moderno desenvolvimento de Portugal, sendo talvez a principal causa d'isto a falta de viação acelerada, que a pozesse mais em contacto com o resto do paiz e com a capital.

Hoje, porém, essa causa desappareceu felizmente, e a locomotiva deu a sua entrada triumphal no Algarve, sendo de esperar que ella será a conductora de todos os beneficios do progresso e da civilisação.

No pouco tempo que os wagons atravessam a provincia, já se nota uma animação de bom agouro, segundo dizem as poucas folhas da imprensa algarvia, e agora que o Algarve abre os seus muros á viacção accelerada, é preciso chamar para elle a attenção do publico, tornar conhecidas as suas cidades, descrever as suas bellezas naturaes, fallar da sua producção, e dar movimento á sua riqueza depreciada por falta de meios de exportação.

A provincia do Algarve tem magnificas condições naturaes para tomar grande desenvolvimento. O seu clima temperado e os seus campos ferteis permittem-lhes culturas extraordinarias de especies que se não produzem em outros pontos de Portugal. Os seus bellos portos de mar, facilitam a navegação externa, e a sua grande costa offerece pescarias abundantes que constituem uma das suas principaes industrias.

Lagos é uma das melhores cidades do Algarve, collocada 260 kilometros ao sul de Lisboa, com cerca de 1700 fogos e 7000 habitantes. E' cabeça de concelho e pertence ao districto administrativo de Faro.

Foi na antiguidade povoação arabe, do que se encontram alguns raros vestigios nos seus arredores, e conquistada em 1190 por D. Sancho I de Portugal. Os arabes reconquistaram de novo os seus dominios, mas D. Affonso de Castella, tornou a conquistar Lagos que doou a D.Fr. Roberto bispo de Silves, voltando depois ao poder dos portuguezes, desanexando-a D. Pedro I de Silves e dando-lhe foros de villa com jurisdição independente.

Está a cidade edificada em tres montes com uma excellente bahia que mora em 27°6' de latitude N. e 14° de longitude O.

A sua barra, que faz o assumpto da nossa gravura, é formada por grandes rochedos que defendem naturalmente a bahia, e que são de aspecto severo, e ao mesmo tempo bastante curioso. Defendem a barra duas fortalezas, a da Ponta da Bandeira e a do Penhão:

Não se encontram na cidade edificações notaveis, nem pela belleza nem pela antiguidade, o que não admira sabendo-se que Lagos foi victima do terramoto que a destruiu quasi totalmente em 1755, o mesmo que arrasou Lisboa, a qual graças á iniciativa do Marquez de Pombal se poude erguer da sua ruina. o que não aconteceu a Lagos, que não despunha dos mesmos recursos que a capital.

Um facto historico dá a Lagos honroso logar na nossa historia ou melhor na historia dos navegadores portuguezes. Foi n'esta cidade, então villa, que nasceu Gil Eannes, o qual partiu da bahia de Lagos para a descoberta dos mares, principiando por dobrar o *Cabo Não* e depois o *Bojador*, com que se conheceu que o mar para alem era tão navegavel como para aquem.

Os receios que até então haviam do Oceano, desappareceram com a descoberta de Gil Eannes, e d'ahi se seguiram as grandes descobertas maritimas dos portuguezes.

LOURENÇO MARQUES

AVENIDA DE EL-REI D. MANUEL

Continuando a publicar-mos gravuras de Lourenço Marques, a possessão portugueza que mais está dando que fallar de si na actualidade, apresentâmos hoje uma vista da Avenida de El-rei D. Manuel, que faz parte dos grandes melhoramentos que modernamente o governo emprehendeu n'aquella possessão.

A Avenida de El-Rei D. Manuel é uma comprida e larga rua ladeada de casas, de construcção simples e apropriada ao clima, assentes sobre estacas que as isolam do solo.

Estas casas são especialmente destinadas para habitação dos operarios que trabalham nas obras da cidade.

GARIBALDI

(Continuado do n.º 382)

«Os acontecimentos que assignalaram a volta dos francezes á Italia em 1799, diz o sr. José Miguel Ventura no seu conceituoso volume *Portugal e a Italia*, obrigaram, pouco depois, os principes da casa de Saboya a retirarem-se dos seus estados hereditarios.

O «DANSEUR AU TAMBOURIN»

Estatua em bronze de Thomaz Costa, adquirida pelo Estado para o Museu de Bellas Artes

(Segundo uma photographia)

«A familia real refugiou-se na ilha de Sardenha, e o principe de Saboya Carignan retirou-se a Chaillet, em França, onde morreu pouco tempo depois, deixando uma mediana fortuna para a educação do real infante Carlos Alberto, que a recebeu liberal e esmerada.

«Em 1815 a successão ao throno de Sardenha tornou-se, pelo caso mui provavel da extincção da linha primogenita da casa de Saboya, objecto de serias discussões no congresso de Vienna, e o alvo de mil intrigas por parte da Austria e do duque de Modena; porém, os principios da justiça prevaleceram, e o principe de Carignan foi solemnemente reconhecido como principe real e legitimo successor da corôa da Sardenha.

«Em 1827 Carlos Alberto casou com a princeza Maria Thereza, filha do Gran-duque da Toscana, de quem teve dois filhos Victor Manoel e Fernando, duque de Genova.

veniencias pessoaes e um estulto partido se juntaram para conspirar contra Carlos Alberto, que havia trinta annos se esforçava em promover a expulsão dos barbaros da Italia.»

O estabelecimento da republica franceza; as constituições dadas a paizes até ali sujeitos á dura pressão do despotismo; os movimentos insurreccionaes de Berlim; a revolução de Vienna; Milão expulsando os austriacos e Carlos Alberto atravessando o Tessino para ir em auxilio da Lombardia; Roma e Toscana recrutando milhares de voluntarios para a Guerra Santa; e Fernando, de Napoles, obrigado pela pressão publica a collaborar na lucta nacional, imprimem uma nova phase de actividade á causa da independencia da Italia e deixam antever a esperança de que esteja breve a soar a hora da sua libertação.

Esta adoravel illusão deslumbrou tambem Garibaldi.

até ali tinha manifestado, como affirmava que «*como chefe da egreja, não podia declarar guerra aos austriacos, porque elles eram tambem seus filhos.*»

Isto bastou para atear uma indignação geral em Roma, e a 15 de novembro de 1848 a revolução fez a sua primeira victima no cardeal de Rossi, ministro confidente e director do papa, que foi assassinado nas proximidades do palacio da chancellaria, sendo no dia seguinte Pio IX cercado pelo povo no Quirinal.

*
* *

Não percipitemos porém os acontecimentos.

A 26 de julho de 1848, Garibaldi e os seus intrepidos legionarios desembarcam em Nice, e d'ali o notavel caudilho dirige-se a Genova e pas-

ALGARVE — BARRA DA CIDADE DE LAGOS

(Segundo uma photographia)

«Chamado tambem a reinar no Piemonte, por morte de Carlos Felix, ao mesmo tempo que já tinha a seu cargo o reino da Sardenha dedicou desde a sua mocidade os seus estudos e as mais serias meditações á execução de um vastissimo plano que infelizmente tão mallogrado foi nas margens do Tessino.

«Por occasião da sua elevação ao throno de Sardenha assignalou as tendencias de seu nobre coração com diversas e consideraveis reformas, e prodigalisou a sua generosa protecção a homens eminentes nas artes, sciencias e letras. Assim Botta, Pellico, Gioberti, Giovanetti e muitos outros que tinham supportado todos os tormentos e vexames da prizão, do desterro e do ostracismo nos precedentes reinados, alcançaram a liberdade logo que Carlos Alberto foi proclamado rei de Sardenha.

«Trabalhou sempre com infatigavel constancia na realisação do plano concebido por seus illustres avós, para livrar toda a peninsula italiana do jugo austriaco e da influencia estrangeira.

«A nacionalidade italiana era para Carlos Alberto um principio sagrado e á qual tudo sacrificava; porém a França e a Inglaterra para conservar seus interesses, a Austria para defeza dos seus pretendidos direitos, os principes italianos por con-

Para elle uma das causas que mais lhe fizera antever tal resultado fôra a ascenção de Pio IX, protegida pelas sociedades secretas (de que elle fôra chefe), por morte de Gregorio XVI.

Mastai Ferreti era homem liberal, e o seu primeiro pensamento ao subir á séde gestatoria foi arvorar-se em libertador da Italia. Estes bons desejos animaram-n'o nos primeiros mezes do seu reinado em que, decretou amnistias, instituiu um conselho de Estado e uma municipalidade, nomeou um ministerio sobre bases novas e creou uma lei de responsabilidade para os funccionarios publicos.

Ao ter conhecimento d'estas medidas que denunciavam Pio IX como um espirito liberal e reformador, Garibaldi, ainda em Montevideu, escreveu ao nuncio apostolico do Rio de Janeiro offerecendo os seus braços e os dos proscriptos italianos, ao novo successor de S. Pedro, se acaso elle tentasse, como se annunciava, pôr-se ao serviço da redempção da Italia, porém esta carta ficou sem resposta, pois monsenhor Bedini só se limitou a accusar a sua recepção e a dizer que tinha transmittido para Roma o assumpto d'ella.

A 29 de abril Pio IX, sob a pressão do partido clerical publicou uma encyclica em que não só desdizia todos os sentimentos patrioticos que

sa a Turim onde se apresenta ao governo pedindo um posto na guerra. Os ministros negam-se a recebel-o no exercito, dizendo que essa nomeação dependia do rei; Carlos Alberto pela sua vez o devolve ao governo, e Garibaldi vendo-se humilhado por similhante procedimento e a sua espada e as dos seus companheiros destinadas a enferrujarem nas bainhas, vae offerecer-se com elles ao governo provisorio de Milão e forma a aguerrida legião da qual Mazzini, um dos notaveis chefes da democracia italiana, quiz ser simples soldado.

Esta legião compunha-se de 3:000 homens e foi com ella que se propoz defender Bergamo quasi em poder dos austriacos; comtudo e apenas em marcha é immediatamente chamado á capital da Lombardia.

O motivo era poderoso. Os austriacos tinham tomado a offensiva em todos os portos e ameaçavam Milão. Garibaldi voou em seu auxilio, porém estava ainda a distancia de alguns kilometros quando recebeu a noticia de que Carlos Alberto tinha assignado a capitulação d'esta cidade. Garibaldi é um dos ultimos a depor as armas, mas de novo reapparece em Bergamo e ahi bate as columnas do general austriaco.

No Lago Maior apodera-se de dois navios ini-

migos, desce o Tessino, surprehende uma columna ao general d'Aspre, que o julgava a muitas leguas de distancia, e em Vareza oppõe-se durante vinte dias a toda a divisão d'este general.

Mas estava escripto que ainda d'esta vez a Italia ficaria soffrendo a oppressão estrangeira, e que a força commandada por Garibaldi tivesse o destino das demais, que depois da capitulação de Milão foram destruidas e dispersas. Garibaldi por seu turno chegara-lhe tambem a vez de ceder o passo ao inimigo. Aquelles vinte dias de heroica resistencia tinham extenuado centenares de homens, além d'isso os viveres e as munições de guerra tinham-se quasi totalmente acabado.

Garibaldi depois de ter exposto á sua gente as circumstancias em que se encontravam, mostrou-lhes que era impossivel tentar por mais tempo similhante resistencia, porque a fome os obrigaria em breve e entregar as armas.

—Entregar-nos, nunca, exclamam todos n'uma só voz!

D'esde esse momento Garibaldi occupou-se apenas do seu plano de retirada. Tendo a seu lado a valorosa Annita e seus dois filhos, é elle quem rompe a marcha por entre as forças inimigas que lhe vedam a passagem.

Grande numero de martyres da causa da independencia italiana juncam os campos de Vareza e Garibaldi é obrigado a refugiar-se na Suissa.

*

* *

O papa depois de nove dias de reclusão no Quirinal sae clandestinamente de Roma e refugia-se em Gaeta, e o parlamento romano, vendo que lhe era impossivel estabelecer um accordo entre Pio IX e o povo, nomeia uma junta suprema para exercer o poder executivo emquanto durasse a ausencia do pontifice.

Em dezembro de 1848 a junta decreta a nomeação d'uma assembléa constituinte saída do suffragio universal, e no dia de Anno Bom, do seguinte anno, Mastai publica uma *Monitoria* fulminando de excommunhão todos os que cooperassem para a organisação d'essa assembléa.

No entanto ella é eleita a 21 de janeiro de 1848, reune-se a 9 de fevereiro, e logo n'essa sessão o poder temporal do Papa é abolido, proclamada a republica e nomeado um triumvirato.

A audacia dos feitos de Garibaldi resolvem emfim Carlos Alberto a reconsiderar, e tendo concluido o armisticio com a Austria e posto o seu exercito de novo em pé de guerra, offerece-lhe o logar de general.

Então por sua vez Garibaldi recusa e prefere ir offerecer a sua espada a Veneza que continuava resistindo ás tropas austriacas, porém chegado a Ravena é sabedor dos acontecimentos de Roma e corre a prestar ali o seu auxilio.

Em Roma é nomeado membro da assembléa constituinte, e então ali tem occasião de fazer a critica severa e imparcial da maneira pouco habil como Carlos Alberto dirigira a guerra contra a Austria, até á entrega da capital da Lombardia.

A derrota de Novara parece querer justificar a apreciação de Garibaldi, e este revez obriga de novo a voltar a Lombardia e a Italia Central para o dominio da Austria.

Carlos Alberto vendo então que este ultimo golpe lhe retirára a confiança de toda a Italia, reuniu os seus generaes e abdicou a corôa em seu filho, na propria tarde de 23 de março, dia em que se dera o funesto combate, vindo em seguida exilar-se em Portugal, onde morreu na cidade do Porto a 28 de julho de 1849; isto é, sobrevivendo apenas quatro mezes e cinco dias a esse desgosto cruciante que o fulminara.

Victor Manuel contando apenas 21 annos toma a direcção da grande lucta emprehendida por seu pae, e tendo recebido o baptismo de sangue na batalha de Gotto, onde ficára ferido na perna esquerda, e assistido incolume á terrivel carnificina de Novara, parece que o seu animo varonil se retempera d'uma extraordinaria coragem e consegue a um tempo recomeçar a guerra com a Austria e apasiguar as luctas civis, que enfranqueciam continuamente a avassalada Italia.

Victor Manuel desdes os seus mais verdes annos manifestava um espirito rasgadamente liberal.

Um publicista distincto dizia d'elle rememorando os factos do seu reinado por occasião do passamento d'este monarcha:

«Chamou aos conselhos da corôa os homens mais eminentes dos estados e na escolha mostrou o elevado criterio que decide a sorte dos povos. O cavalheiro d'Azeglio, escriptor patriota e publicista, deputado com grande prestigio, foi por elle nomeado presidente do conselho em 11 de maio de 1849, tendo por ministro da agricultnra e do commercio o conde de Cavour.

«Com estes e os ministros que os acompanharam nas demais pastas emprehendeu a reorganisação geral das finanças, do exercito e da instrucção publica, concluindo em 6 de agosto a paz com a Austria, e preparando-se na paz para o futuro, não quebrando n'um apice o pacto sagrado que jurara sobre a espada e o sceptro herdados.

«Apesar das difficuldades externas e das propostas da Austria que lhe promettia Parma em troca da violação do seu juramento; apesar do Papa que o ameaçava com excommunhão, manteve o governo representativo com toda a liberdade que elle comporta e a independencia da corôa ante o poder de Roma.

«Cavour tomou em 1851 conta da pasta das finanças, e organisou a fazenda. Em 1852, rompendo com os seus collegas Foresta e d'Azeglio para aproximar-se do partido avançado, foi pelo rei nomeado presidente do conselho. Então começou uma era nova. A refórma liberal a todo o transe, a lucta com o tradicionalismo, a resistencia tenaz a todas as forças absorpsoras dos direitos do povos, o rasgar de mais vastos horisontes.

«Fez-se guerra aos privilegios do clero, decretando-se a venda dos seus bens e o acabamento do exclusivo do ensino, e acolheram-se os refugiados politicos de todos os estados da peninsula, medidas que lhe attrahiram a excummunhão de Roma, e as sympathias da Europa liberal.

«Victor Manuel engrandeceu o paiz tomando parte gloriosa na guerra do Oriente, para entrar no conselho das nações europeas, alliando-se contra a Russia, e mandando á guerra uma divisão de 17:000 homens que foram heroes em Tchernaia.

. . . .

«O partido italiano avançado fizera nascer na Italia a idéa da unidade politica sob o sceptro de Saboya, e n'uma succession de factos politicos e militares, que são geralmente conhecidos, essa idéa veiu a ser um facto completo, quando a 2 de julho de 1872 o governo italiano passou a ter em Roma a sua séde.»

(Continúa)

Julio Rocha.

OS PORTUGUEZES NA REGIÃO DO NHASSA

POR

J. BATALHA REIS

DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, ETC.

(Continuado do n.º 381)

IV Aqui temos comtudo um novo documento de antigas viagens que servirá para nos guiar do rio Chire á parte das terras do Nhassa, entre o lago, o Chire, o mar e o rio Rovuma.

Nos primeiros annos do seculo XVII, um portuguê de Tete, sobe o Chire, atravessa-o, passa perto do Nhassa, corta as terras a E. do lago, segue em parte o curso do Rovuma e vai sahir a Quiloa.

Eis alguns trechos meramente da minuciosa descripção d'essa jornada, que eu julgo serem inteiramente desconhecidos do maior numero dos geographos britannicos. e aos quaes, em todo o caso, nenhum geographo moderno se tem referido até o presente.

«Gaspar Bocarro (fidalgo da casa do marquez de Fronteira) sahiu de Tete em março de 1616 ... e, passando para a outra margem do Zambeze, jornadeou pelas terras de Bororo, etc.,... e vinte e cinco dias depois «dormiu em Morumba... Perto da cidade de Morumbo está o grande rio ou lago Manganje, que parece um mar, d'onde flue o rio Nhanha, que se lança no Zambeze abaixo de Sena, ao qual dão alli o nome de Chiry... e elle (Gaspar Bocarro) seguiu á beira d'esse rio Nhanha e dormiu nas suas margens, e no dia seguinte passou para o outro lado em canoas... e encaminhou-se para o norte, «etc... Nove dias depois estava nas margens do Rofuma:» D'ahi proseguiram e dormiram... além do rio Rofuma no sitio chamado Muangongo. . as terras que se extendem d'este rio Rofuma direito ao mar salgado.» etc.

Vinte e oito dias depois chegaram á Quiloa. E embora Gaspar Bocarro gastasse cincoenta e tres dias na viagem, os seus moços companheiros, que regressaram pelo mesmo caminho, de Quiloa para Tete, lestos como eram, levaram apenas vinte e cinco dias. E o historiador portuguê conclue assim: «Escrevi todos os pormenores d'este itinerario para que, se mais tarde, alguem se propusesse a tentar de novo este caminho, etc.» E entre o Rovuma, o mar, o lago Nhassa e o Chire, os territorios de ahi em deante eram visitados pelos portuguezes ou pelos seus enviados.

A leste do Nhassa nenhuma influencia europea houve anterior á de Portugal.

Os portuguezes traficavam, havia muito tempo, em marfim e tabaco com o paiz de Ajaua ou Jao, entre o Lujende e o Nhassa, de sorte que a quantidade de marfim, levada aos mercados portuguezes ou trazida pelos commerciantes portuguezes e seus agentes, foi calculada n'aquelles tempos em mais de 15.600 arrobas (223 toneladas) por anno.

Para este commercio foi subsidiada uma companhia no XVIII seculo (D. José I) pelo governo portuguê. Estas mercadorias eram dadas em troca dos productos mandados da India portuguesa, Goa, Damão e Diu, ou dos do Brasil e Lisboa. Tenho presentes catalogos de mercadorias mandadas de Moçambique, Quelimane e Tete, e que os portuguezes ou seus agentes, ou os que se achavam sob o prestigio portuguê, faziam distribuir por todos estes territorios.

Durante seculos os chefes eleitos dos Macuas, entre o Nhassa e o mar, iam solicitar do governo portuguê de Moçambique a confirmação dos seus titulos.

Luiz João Gonzaga, de Ibo, para dar um exemplo positivo, manteve sempre relações intimas com os chefes de todos os territorios desde o Nhassa até a costa. Os seus agentes e as suas caravanas atravessavam constantemente esses territorios. Cardoso encontrou-os na sua viagem de 1885, alguns vindos do Valle do Lujenda, outros do Valle do Lurio e de Lomue.

Gonzaga foi o negociante que entregou cartas a Serpa Pinto e a Cardoso para os chefes das margens do Nhassa.

Tomando em consideração as relações que durante seculos existiram desde as praias do Oceano Indico até o Nhassa, os escriptores portuguezes e os governadores de Ibo falam do districto de Cabo Delgado, na provincia de Moçambique, como extendendo-se até as margens do lago Nhassa.

Quissonga, defronte de Ibo, é, ha muito, o ponto de reunião para o commercio do interior. A população da costa, sob a influencia portuguesa, é calculada por Perry da Camara em cerca de 130.000 almas. que pela sua ligação monopolizaram todo o interior.

Não ha quatro annos que oito chefes do norte se dirigiram expontaneamente a Ibo para offerecer vassallagem a Portugal, declarando que iam simplesmente ratificar a que seus paes haviam prestado ao rei de Portugal. Desde então as caravanas que costumavam seguir de Nhassa para Lindi e Quilua, ao norte do Rovuma, começaram a visitar Ibo e os portos portuguezes.

A prosperidade recente de Mazimbua, entre Ibo e Iungui, é uma das consequencias do desenvolvimento d'estas relações e do commercio. Em 1884 uma só caravana transportou marfim no valor approximadamente de 225:000$000 réis do interior para aquelle porto.

Quando a expedição de Serpa Pinto chegou a Medo em 1885, fluctuava a bandeira portugueza tanto alli como em Mualia, quasi no centro da região que se extende do mar ao Nhassa. A historia d'esta expedição e da sua jornada desde Moçambique até Ibo, e de Ibo ao Nhassa, demonstra o prestigio portuguê n'estas partes. Os chefes das tribus, ainda os das mais afastadas, obedeciam promptamente ás ordens do governador portuguê de Ibo. Serpa Pinto, um dos chefes da expedição, quasi moribundo, foi levado com todos os cuidados, e o outro chefe, Cardoso, atacado de cegueira durante alguns dias, foi conduzido até as margens do alto Lujende por Checuan, tio do proprio M'larica.

M'larica, chefe de Lujende, prestou todo o auxilio á expedição de Cardoso, de quem recebeu a bandeira portuguesa que arvorou na sua cidade florescente (chave das derrotas do Nhassa até o mar) e offereceu vassallagem ao rei de Portugal. Seu Irmão Kuirrasia fez outro tanto.

Ha muito que o governo portuguê tem residentes junto dos chefes de Medo e Mucaribo. Estes residentes não são consules, como a Grã-Bretanha costuma enviar para o Nhassa ou outro paiz considerado extrangeiro; mas sim delegados officiaes de Portugal em um paiz manifestamente vassallo, os quaes vigiam as acções dos chefes e não raras vezes os dirigem.

(Continúa.)

Jayme Batalha Reis.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

—Bravo! Bravo! exclamou a viscondessa, muito bonito! muito bonito!

—E' um acrostico madrigalesco historico-chorographico! disse o conselheiro Mimoso dando muitos geitos á bocca e muitas voltas á lingua para despejar esta enfiada de exdruxulos.

—Bem feito de veras! approvou sentenciosamente o padre Bernardino, que em materia de versos se julgava auctoridade.

—Ah! sê o padre, diz que estão bons é porque o estão! disse por fim o visconde de Friões, que até ali tinha applaudido simplesmente com a cabeça, guardando-se de dar a sua opinião critica.

—Decerto, elle sabe latim, corroborou o conselheiro.

A Guida, tinha-se levantado do seu logar e ido ao pé do poeta felicital-o pela sua composição e agradecer-lh'a.

—Sairam-lhe bons, sairam, disse a Emilinhas toda ufana com o successo do seu irmão.

—E' um acrostico muito sr. conselheiro, ponderou a Lulu rindo muito, com a sua pontinha de troça.

—Muito eu? perguntou repontando o conselheiro admirado e sem perceber o dito.

—Sim, um acrostico muito mimoso, explicou a Lulu.

O Visconde de Friões achou muita grâça á filha e o dito foi muito festejado.

—Então a menina Guida, a menina recemnascida disse o conselheiro, nasceu em Guimarães? Não sabia.

—Em Guimarães? perguntou espantada a Viscondessa. E' terra onde eu nunca fui.

—Ah! V. Ex.ª nunca lá esteve? mas sua filha nasceu lá...

—Então como havia da pequena nascer lá sem a mãe? disse o Visconde.

—Ah! tem razão, é que eu pensava... Como o acrostico do poeta começa por Guimarães...

—Nada! ella nasceu no Porto, nós todos somos portuenses, participou com nobre orgulho o Visconde de Friões.

—Ah! mas como vi na poesia fallar-se em Guimarães.

—E' verdade, sr. Barradas, porque não póz Porto...

—Porque Porto não dava o acrostico, explicou muito vermelho o Quim, não gostando nada que principiassem a examinar o seu lavor poetico.

—Porto não dava o acrostico? exclamou a Viscondessa escandalisada, se Guimarães que é uma terra de provincia o dá, Porto que é a capital do norte tambem o póde dar.

—Já se vê que sim, accudiu o Visconde, Guimarães não vale mais do que o Porto.

—Mas é o berço da monarchia, lembrou o conselheiro Mimoso.

—Exactamente, é o berço da monarchia, repetiu o Quim agarrando-se á defeza que o conselheiro lhe fazia.

—O que tem isso? Guimarães será o berço da monarchia, mas o Porto é o baluarte da liberdade, refutou energico o Visconde.

—Lá isso é verdade, concordou logo o conselheiro.

—E parece-me que um baluorte vale bem mais que um berço.

—Conforme, disse o Quim.

—Conforme? bradou o Visconde indignado. Ora essa! Conforme! Então qual vale mais para o senhor, a casa onde nasceu, que foi seu berço, ou a companhia dos seguros onde eu o metti que é o seu baluarte?

—A companhia de seguros! disse logo a Emilinhas com medo que o Visconde se zangasse e dando uma grande pisadella em seu irmão para que elle dissesse o mesmo e não disparatasse.

—Ai! gritou o conselheiro Mimoso fazendo-se muito vermelho. Ai!

—O que foi? perguntou o Visconde.

—Não foi nada: foi um calo que me esmagaram.

—Mas sr. Visconde, disse o Quim, comprehendendo a necessidade de dar explicações cathegoricas, eu peço a V. Ex.ª que acredite que da minha parte mettendo Guimarães no acrostico de Sua Ex.ma filha, não houve a mais ligeira idéa de desconsiderar nem o Porto, nem o baluarte nem a companhia de Seguros.

—Ah! bem! bem!

—Puz Guimarães, porque se pozesse Porto a graça de sua filha ficaria *Puida.*

—Puida! berrou o Visconde tornando a exaltar-se, o Porto, a minha terra natal, e digo-o com orgulho, não pue a graça de nenhuma menina, sr. Barradas: isso é bom para Lisboa, para a sua terra! Que tal está!

—Então Vasquinho, disse a Viscondessa ternamente, intervindo a deitar agua na fervura.

—Então sr. Visconde supplicou o padre Bernardino.

—Então, papá! imploraram as meninas.

A Emilinhas furiosa com o irmão vingava-se em pisar-lhe os pés por debaixo da mesa.

—Perdão, minha senhora, exclamou o conselheiro Mimoso, muito dorido e muito encavacado, se me quer dizer alguma coisa é melhor dizer-m'o francamente do que estar a dar-me cabo dos pés e a estragar-me as botas.

O almoço fôra interrompido ruidosamente por toda esta balburdia.

Os criados com as *omollettes* e os coelhos guisados na mão para servirem, olhavam espantados para tudo aquillo sem perceberem nada.

—Retire a Puida, aconselhou o padre Bernardino ao Quim que estava muito enfiado.

—E' melhor, é, retire a Puida, meu caro senhor, aconselhou tambem o conselheiro passado o primeiro momento da dôr da pisadella.

—Oh! senhores eu retiro tudo o que quizerem, condescendeu o Quim muito afflicto com aquella tempestade que tolamente, involuntariamente levantára.

—Elle retira a Puida, sr. Visconde, participou o padre Bernardino.

—Ah! retira! disse o Visconde serenando mais.

—Perdão, sr. Visconde, aqui houve um mal entendido, recomeçou a explicar o Quim.

Mas estava escripto que todas as emendas d'elle n'aquella manhã seriam peior que os sonetos.

—Mal entendido? repetiu o Visconde subindo de novo ao arame. Quer dizer então com isso que eu sou um tolo, um pateta, um estupido, um ignorante, que não entendo bem as cousas.

—Eu não disse...

—Disse tal, disse mal entendido e mal entendido não quer com certeza dizer que se entendeu bem.

—Não é isso, contestou muito atrapalhado o Quim.

—Ah! não é isto? Então quer dizer na sua que eu não sei o que digo, que não sei portuguez, que ignoro o valor e a significação das palavras?

—Cale-se, ordenou a Viscondessa ao Quim, o sr. parece apostado em amargurar esta festa familiar.

—Mas minha senhora...

—Cala-te, ordenou-lhe furiosa sua irmã.

—Era isso o que queria dizer? não é assim? perguntava irado o Visconde.

O Quim ia a responder.

A Viscondessa e a Emilinhas impozeram-lhe silencio com um olhar, e elle calou-se.

—Ah! não me responde? Logo acceita? Quem cala consente. Não me acha digno de uma resposta?

—Não se exalte, sr. Visconde, então, supplicou o padre Bernardino.

—Assim nem o almoço faz proveito, disse o conselheiro Mimoso, assim é que as dyspepsias entram de volta com os estomagos.

—V. Ex.ª dá-me licença? disse por fim o Quim pondo-se em pé quando vio os animos um pouco mais serenados.

—Cale-se, cale-se, gritaram a Viscondessa e Emilinhas, e o padre Bernardino.

—Falle, falle, opinaram as meninas Guida e Lulu, e o conselheiro Mimoso.

—Falle, falle, ordenou o Visconde de Friões, falle que eu não tenho medo.

—Medo tenho eu, disse o Quim, muito humilde e fazendo *amena, honorable* medo de que as minhas palavras, não mal interpretadas por V. Ex.ª, mas sim mal expressas por mim, possam offender, maguar, escandalizar, o meu illustre amigo e protector, o nobilissimo fidalgo Visconde de Friões, a quem tantos favores e tanta gratidão eu devo.

—Muito bem, muito bem, disseram todos.

O Visconde mais acalmado com esta preroração appluandiu tambem.

—Muito bem, muito bem!

—Os versos que eu tive a honra de fazer á sr.ª D. Guida eram um acrostico e como tal tinham de com a inicial de cada verso formar o nome da excellentissima menina: isto é o primeiro verso tinha que principiar por G, o segundo por U, o terceiro por I, o quarto por D, o quinto por A.—G. U. I. D. A. *Guida.*

—Exactamente, approvou o conselheiro Mimoso.

—Ora Porto, não principia por G, principia por P...

—Que grande novidade! resmungou o Visconde.

—E era por isto que eu dizia que o Porto não podia dar o acrostico, e que substituindo-o a Guimarães...

—Como em tudo pode e deve substituil-o, interrompeu o Visconde sempre aferrado á sua.

—Politicamente, socialmente, d'accordo, mas no meu acrostico, substituindo o G por um P ficava P. U. I. D. A. em vez de Guida.

—A satisfação é cabal e completa, decidiu o conselheiro Mimoso.

—Entende em sua consciencia que me posso dar por satisfeito? perguntou em voz baixa o Visconde.

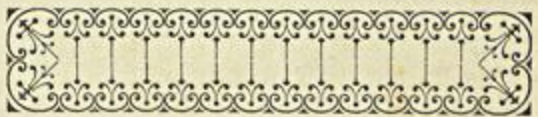
—Juro que sim.

—Pois bem, disse em voz alta o visconde, dou-me por satisfeito e vamos continuar o almoço.

—Ora graças! exclamou o padre Bernardino.

E o almoço continuou.

(Continúa.)

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Passaram por completo os furores da imprensa ingleza contra Portugal a respeito do caminho de ferro de Lourenço Marques, é a novidade mais importante que temos a dar aos nossos leitores, novidade que não é precisamente da ultima hora, mas que emfim sempre é um bom raminho de oliveira depois do diluvio de improperios com que fomos mimoseados pelos nossos *fieis exploradores*... ou queremos dizer *alliados.*

Essa tempestade serenou logo que conheceram que Portugal não se apossava gratuitamente do caminho de ferro, d'onde se pode concluir que todas as dignidades e interesses offendidos se reduziam a uma questão de dinheiro. Muito mercenarios estes inglezes.

Emquanto o governo portuguez trata de concluir o caminho de ferro de Lourenço Marques até Pretoria, a imprensa politica já raro se occupa d'esta questão, preocupando-se antes com a saude de El-Rei, que ha muito se diz não ser satisfatoria, e com as eleições geraes que se vão approximando.

Cada grupo politico faz os seus calculos sobre o numero de deputados que apresentará em cortes e a opposição por sua parte presume-se forte, mesmo apesar de dividida como está.

Apparecem já extensas listas de candidatos a differentes circulos, e nós na intenção de informar-mos os nossos leitores sobre o assumpto e á falta de outras novidades mais interessantes, transcrevemos aqui uma d'essas relações que correm impressas nos jornaes politicos e que mostra o estado em quu se acham os trabalhos preparatorios para as eleições geraes:

«Bragança, serão deputados, no circulo plurinominal, os srs. conselheiro Eduardo Coelho e conde de Villa Real,—pela opposição, o sr. Firmino João Lopes (regenerador). Ha quem diga que o sr. conde de Villa Real será eleito por Villa Real, por ser o chefe do partido progressista n'esse districto, passando para o seu logar em Bragança, o sr. dr. Baptista de Souza. Por Villa Real são candidatos da opposição tres pessoas, segundo por aqui corre: o sr. Antonio de Azevedo Castello Branco, candidato official da regeneração; o sr. Wenceslau de Lima, *esquerdista* e o sr. Antonio José de Avila, que dizem ter o apoio de amigos pessoaes seus em alguns concelhos d'aquelle districto. Por Vizeu apresentam-se pela maioria os srs. Francisco de Campos e Marianno de Carvalho; ha, porém, quem diga que este cavalheiro se proporá pelo Cartaxo. A minoria é disputada pelos srs. Fuschini (esquerdista), José Victorino e dr. Luiz Ferreira, unionista e regenerador. O sr. Fuschini diz-se que tem certa a reeleição. Diz-se mais que nos circulos uninominaes de Vizeu não ha opposição. Por Braga sabe-se já que são candidatos governamentaes os srs. Alves de Moura e Ferreira de Magalhães; o sr. Alves Matheus, deputado por aquelle circulo, propõe-se por *accumulação.* A minoria é disputada pelos srs. abbade de Maximinos, unionista, e Lopo Vaz, affirmando-se que será este o vencedor. Por Villa Verde diz-se que é candidato o sr. Visconde da Torre, julgando-se aqui certa a sua eleição.

Por Vianna, affirma-se que disputa a *minoria* o sr. Chagas. Será verdade? Ha quem diga que o illustre escriptor e os srs. Rosa Araujo e Santos Viegas são candidatos da opposição regeneradora por Lisboa. E, visto que fallamos em Lisboa, demos tambem a noticia que o sr. Peito de Carvalho se propõe por esta cidade, como independente auxiliado porém por alguns amigos do governo. Pelo circulo plurinominal do Porto parece resolvida a candidatura do sr. Beirão. No circulo de Marco de Canavezes defronta-se o sr Alexandre Ferreira Cabral (governamental) com o sr. Moraes de Carvalho (regenerador), correndo que a victoria caberá ao candidato progressista. Por Amarante, não se propõe candidato algum com o auxilio do governo: o sr. Teixeira de Vasconcellos será o eleito. Tambem aqui se diz que o circulo de Paredes dará, d'esta vez, um deputado progressista.

Por um dos circulos do districto parece que se apresenta o sr. Joaquim Gonçalves. redactor da *Provincia*. Por Villa Nova de Gaya apresenta-se o sr. Cardoso Valente: dizem uns que lhe fará opposição o sr. Arroyo, outros o sr. Rodrigues de Freitas, mas tambem se diz que nada lograrão. Por Coimbra a maioria será representada pelos srs. Navarro e Francisco Mattoso; a minoria, pelo sr. Souto Rodrigues—barjonaceo. Em Monte-Mór e Cantanhede degladiam-se os srs. José Galvão, progressista, e Raposo, barjonaceo; os srs. José Luiz Ferreira Freire, esquerdista, e Cerveira, progressfsta. Por Leiria são os srs. T. Crespo e Alves Crespo os deputados da maioria; a minoria é disputada pelos srs. Alvaro Possolo (regenerador) e Pereira dos Santos barjonaceo. Ouvi dizer hontem que por um dos circulos do districto de Leiria era proposto o sr. Correia de Barros, o distinctissimo governador civil do Porto. Por Santarem são candidatos, no circulo plurinominal, as srs. Centeno e Isidro dos Reis que substituirá o sr. Mattoso dos Santos: este será eleito por Thomar. No circulo de Almada vae grande lucta entre o sr. Costa Pinto, regenerador, e o sr. O'Neil Pedrosa, progressista. Por Beja parece segura a reeleição do sr. Pedro Victor, pela *minoria*; o nosso collega do *Correio da Noite*,Anselmo de Andrade, será eleito por Mertola. O sr. Bernardo Caria, que era deputado pela Louzã, é proposto pelo circulo da Guarda; para o seu logar vae o sr. dr. Furtado de Mello, filho do sr. visconde de Foz de Arouce. Os srs. Simões Ferreira e D. João de Alarcão apresentam-se pela maioria da Guarda; pela minoria diz um jornal que são quatro os candidatos: o sr. José de Azevedo Castello Branco, protegido officialmente pela regeneração; o sr. José Guedes Brandão, que nos concelhos de Celorico da Beira e Gouveia tem poderosos elementos; o sr. Patricio, negociante na Guarda, dispondo no concelho d'este nome de algumas valiosas forças, e o sr. Lamare,protegido pelos amigos do sr. Barjona. Pelo circulo de Figueira de Castello Rodrigo será eleito o sr. Carlos Lobo d'Avila. Pelo Algarve é candidato por Silves, o sr. Figueiredo Mascarenhas, regenerador; o sr, Marçal Pacheco é eleito pelo circulo plurinominal de Faro.

Os srs. Elvino de Brito, D. Jorge de Mello e barão de Combarjua, são propostos pela India.»

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Regresso. — Chegou a Lisboa no dia 15 do corrente o nosso collaborador artistico e distincto pintor o sr. Luciano Freire, de volta da sua visita á exposição de Paris. O sr. Freire trouxe magnificos *croquis* do pavilhão portuguez na exposição de Paris, que brevemente serão publicados no nosso periodico.

Donativo. — O sr. Conde de Valenças deu réis 100$000 para ajuda da construcção do tumulo, que em Coimbra se está erigindo para guardar os restos de Olympio Nicolau Ruy Fernandes, o fundador da Associação dos Artistas de Coimbra.

Conde de Rilvas. — Falleceu no dla 17 do corrente em Bruxellas o sr. conde de Rilvas, ministro portuguez n'aquella côrte ha muitos annos. O fallecido era um dos mais antigos diplomatas portuguezes e um dos mais distinctos membros da sua classe. Era filho do primeiro barão e primeiro visconde de Rilvas, o marechal Simão de Calça e Pina, gentilhomem da camara da rainha D. Maria II e ajudante de campo de el-rei D. Fernando, tendo-lhe sido dado o titulo de barão em 1843 e o de Visconde, em 1856. O titulo de conde de Rilvas foi dado por El-Rei D. Luiz.

Artista Premiado. — O sr. Augusto Guimarães que se acha estudando na Escola de Bellas-Artes de Bordeux, acaba de obter o premio de primeira classe na mesma escola, tendo tambem obtido no curso do anno passado *accessit*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Inferno de Dante, traducção de D. Ennes com illustrações de Gustavo Doré, etc. Companhia Nacional Editora, Lisboa. Fasciculo 43 com que termina a publicação d'esta monumental obra.

Junta do Credito Publico. *Administração das Caixas Geral de depositos e Economica Portugueza. Relatorio, balanço em 30 de junho de 1888, e Conta do Exercicio de 1886-1887*. Lisboa. Este relatorio muito desenvolvido com mappas do movimento d'estes estabelecimentos de credito, accusa um saldo de lucros liquidos no anno economico de 1887-1888 na importancia de 794:825$205 réis.

LOURENÇO MARQUES — AVENIDA DE EL-REI D. MANUEL

(Segundo photographia do sr. commendador Manuel J. R. Pereira)

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES

25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43